

ZERO ETERNO



Dois jovens irmãos descobrem que seu avô biológico na verdade era um piloto kamikaze que morreu durante a 2ª Guerra Mundial. Eles decidem então descobrir mais sobre ele, através de entrevistas com veteranos que voaram com ele.

Baseado no romance homônimo de Naoki Hyakuta, de 2006 (que depois virou um mangá), “Zero Eterno” é um típico filme de descoberta do passado, a partir de um desfecho já sabido (a morte do avô) e com as inevitáveis idas e vindas entre passado e presente. Apesar disso, a obra oferece aos seus espectadores alguns plot twists interessantes e coerentes.

Ao contrário do que você possa pensar, a estrela aqui não é o avião, o legendário caça Zero, mas o filme foca nos conflitos pessoais do piloto Kyuzo Miyabe (Okada), um piloto extremamente hábil, mas que procurava evitar o combate, buscando acima de tudo sobreviver para voltar para a sua família, o que o tornou muito impopular entre seus pares, em uma cultura em que se venerava o sacrifício honroso.

O filme, que é francamente antibelicista, é profundamente comovente, sem perder tempo em tentar explicar a História ou fazer julgamentos. Ele nos apresenta ainda empolgantes cenas de batalhas, boas atuações, cenários grandiosos e uma bela trilha sonora.

Quanto à guerra, nosso herói passa pelas batalhas de Pearl Harbor, Midway, Rabaul e Okinawa, com um apuro técnico e histórico extraordinários. A computação gráfica é surpreendentemente boa, onde o aficionado pelo tema se deleitará com cenas com quase todos os aviões americanos em operação no Pacífico. Destaque para a reconstituição do porta-aviões Kaga e para a cena da explosão no seu hangar.

O que depõe contra o filme é a sua duração (144 minutos) e o seu final, que é desnecessariamente esticado, particularmente em momentos “explicativos” totalmente desnecessários (todo mundo entendeu quem era o cara da espada samurai, não precisava o personagem ficar murmurando “quem será ele, oh, meu Deus!”). A cena em que o Zero “aparece” voando sobre o Japão moderno e o neto fica berrando e chorando feito um imbecil passou longe do emocionalmente eficiente e virou uma grande bobagem.

Em suma, ao lado de outras obras, como “Yamato” e “Por Aqueles Que Amamos”, este filme é uma grande oportunidade de espectadores ocidentais revisitarem a 2ª Guerra Mundial sob o ponto de vista japonês.

FICHA TÉCNICA:

Título Original: "Eien no 0".

Elenco: Junichi Okada, Haruma Miura e Mao Inoue.

Diretor: Takashi Yamazaki.

Ano: 2013.

Classificação do SOMNIUM:



CURIOSIDADES:

- O livro se tornou um fenômeno editorial no Japão. Retratando a história e o passado de quem viveu uma época de guerra, através do ponto de vista de quem nunca presenciou uma, "Zero Eterno" tornou-se o livro mais vendido do país ao alcançar mais de três milhões de cópias vendidas e atualmente esse número já ultrapassa quatro milhões.

- Hayao Miyazaki, que criticou este filme por "tentar fazer uma história do caça Zero baseada em um relato de guerra fictício que é um maço de mentiras", havia meses antes lançado "Vidas ao Vento" (2013), uma animação sobre o projetista do avião que dá nome a este filme.

- Este filme se tornou objeto de uma grande controvérsia por críticos no Japão e no exterior, principalmente porque há uma cena em que os kamikazes são comparados (favoravelmente) aos homens-bomba dos dias atuais.

- Não existem Zeros atualmente em condições de voar.

- Atualmente, é proibido o voo de aparelhos da 2ª Guerra Mundial no Japão.

- Haruma Miura morreu a 18/07/2020, aos 30 anos, supostamente por suicídio.

- O romance virou um mangá em cinco volumes, que já foi traduzido e publicado no Brasil.

- O filme recebeu os seguintes prêmios da Academia Japonesa em 2015: Melhor Filme, Melhor Diretor, Melhor Ator (Junichi Okada), Melhor Cinematografia, Melhor Direção de Arte, Melhor Som, Melhor Edição e Melhor Iluminação, além de ter sido indicado para Melhor Roteiro, Melhor Ator Coadjuvante (Haruma Miura) e Melhor trilha sonora.

FUROS:

- Na cena de abertura do filme (que na verdade é a cena do ataque final de Miyabe (Okada)), podemos ver que o porta-aviões está sozinho no mar. Erro muito bobo. Os porta-aviões tinham sempre uma miríade de cruzadores e destróieres à sua volta para protegê-lo.

- Na mesma cena, agora no final do filme, vemos que o número no convés do porta-aviões é 14. Isso o identifica como o CV-14 USS Ticonderoga, da classe Essex, que foi atingido por kamikazes em janeiro de 1945 e, portanto, fora do contexto da cena (abril-junho de 1945). Na ocasião, o USS Bunker Hill (CV-17) foi realmente atingido por kamikazes e teria sido mais conveniente.